



Evento	Salão UFRGS 2018: XIV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	ENCRESPANDO A GRADUAÇÃO: Cantar-Dançar-Batucar-Contar na graduação em Artes Cênicas
Autores	MANOEL GILDO ALVES NETO MANUELA DA FONSECA MIRANDA PÂMELA AMARO FONTOURA
Orientador	SUZANE WEBER DA SILVA

RESUMO: O Movimento Social Negro historicamente tem posto em pauta tanto o acesso e permanência de negras e negros a educação (fundamental e superior), quanto o ensino da cultura e história africana e afro-brasileira na escola. Estas bandeiras reivindicam rupturas com o etnocentrismo europeu no campo curricular, propondo movimento de oposição ao Epistemicídio dos Saberes legado de uma colonização perversa perpetrada no território conhecido pelos Tupi-Guaranis como “Pindorama” (CARNEIRO, 2007). Este processo de colonização promoveu a desarticulação, apagamento, hierarquização e subalternização dos saberes seminiais, tanto de povos traficados do continente africano para o trabalho escravo no Brasil, quanto dos povos originários. A reinvenção de si e da sua cultura por parte de negras e negros, africanos e afrodescendentes, foi um dos processos tortuosos perpetrados pela lógica colonial, no entanto as populações construíram estratégias para manter viva suas tradições, mesmo sendo alvejado cotidianamente pelo racismo em suas mais variadas formas. O ex-ministro da cultura e artista Gilberto Gil pontua que “Para continuar resistindo, os africanos submetidos ao cativo e seus descendentes tiveram que refazer tudo, refazer linguagens, refazer parentescos, refazer religiões, refazer encontros e celebrações, refazer solidariedades, refazer cultura. Esta foi a verdadeira Grande Refazenda” (GIL, 2007, p. 9). O conceito de “Refazenda” opera como ação no processo de invenção de si a partir da (re)invenção de artefatos simbólicos da cultura, leva em consideração que o processo de colonização categorizou negros e indígenas a classificação de “sub-humanos”, questionando inclusive suas faculdades intelectuais (MUNANGA, 2003), no entanto, diversos mecanismos de luta no campo simbólico foram instaurados. A maior parte das comunidades negras traficadas para o Brasil eram ágrafas, ou seja, não haviam desenvolvido sistemas de escrita gráfica, no entanto contavam com sistemas comunicacionais eficientes ao processo educacional. Estratégias como a oralidade (confundida erroneamente com a ideia de analfabetismo) foram usadas como estratégias para subverter a lógica dominante (SERRANO; WALDMAN, 2007). O entendimento de “Refazenda” se estende a todas as áreas do conhecimento, como exemplo tomamos aqui o campo das Artes Cênicas composto pelas subáreas: Dança, Teatro e Performance-Arte. Em diversas práticas o racismo se mascara sobre as afirmações “É impossível afirmar a matriz cultural dominante em tal expressão artística nacional!”, nos questiona modos de aferir “como identificar até que ponto o patrimônio africano, luso ou dos povos originários se sobrepõe ou é seminal em tal obra/música/peça/coreografia/gesto?”, nos conformamos com a ideia de que somos um país mestiço, o paraíso das três raças, “antropofágicos” como diz o manifesto escrito por Oswald Andrade. Quando indagado pela pergunta “Quem é negro no Brasil?” Kabenguelê Munanga afirma: “Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso” (2004, p. 52), mesmo com diversas questões perpetradas pelo Racismo, entre eles a hierarquização e subalternização dos saberes, as populações negras criaram estratégias de (re)fazer seus conteúdos simbólicos no campo das Artes, por vezes atreladas às performances rituais, por ter como princípio no cerne de sua cosmovisão a indivisibilidade entre “corpo-mente”, “espírito-matéria”, “arte-ritual”, “canto-dança”, “dança-música”, “música-oralidade”. Há título de exemplo escolhi a Capoeira para lustrar essa dinâmica encruzilhada (morada de Êsù, também chamado de Bará, divindade do panteão Yorubá responsável pela comunicação entre o Ayê/Terra e Orun/Morada dos Orisás, onipresente, responsável pela dinâmica das oposições “bem x mal”, o mais humano dos Orisás; termo utilizado por diversas teóricas das Artes e das Ciências Sociais para ilustrar o território de cruzamento semântico de informações, o Brasil é um país reconhecido por promover a sínteses nos processos de encruzilhada de saberes, bem como todos os países colonizados, que tiveram de alguma maneira seus processos civilizatórios esbarrados em regimes colonizadores), ela sintetiza numa prática classificada no mínimo como polissêmica Jogo, Luta e Ritual (Cf. SILVA, 2008) numa prática que articula o quarteto “Cantar-Dançar-Batucar-Contar” classificada como conjunto de dinâmicas culturais utilizados de maneira articulada na diáspora africana para recuperar comportamentos ancestrais africanos, chamado de Motriz Cultural Africana (Cf. LIGIÉRO, 2011; 2017). Baseados no quarteto (cantar-dançar-batucar-contrar) presente em expressões artísticas afro-brasileiras e diaspóricas (patrimoniais e contemporâneas) e na discursão acerca das Relações Étnico-Raciais na Educação (LDB 11.639/08) elaboramos uma proposta pedagógica nominada “Encrespando a Graduação”, desenvolvido na disciplina “Corpo e Voz I” (componente obrigatório nas graduações em Artes Cênicas licenciatura e bacharelado/DAD-UFRGS) executada durante o estágio docente dos mestrados: Manoel Gildo Alves Neto (PPGAC-UFRGS), Manuela Miranda (PPGAC-UFRGS) e Pâmela Amaro (PPGEdu-UFRGS). Concluímos após a experiência o quanto é necessário e urgente pensar/fazer práticas pedagógicas antirracistas e interculturais potentes à formação docente e artística no campo das Artes Cênicas. Propostas que efetivem a ampliação da LDB 10.639/03 no ensino superior na formação artística de diretoras(es) de teatro e dança, encenadoras(es), atrizes e atores, num espaço de escuta, reflexivo e crítico acerca do patrimônio negro, afro-brasileiro, e das representações da(o) negra(o) nas dramaturgias contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemicídio; Artes Cênicas; Corpo Negro.